

IMPRESSÕES COSTA GUIMARÃES



Quando os homens protegem as mulheres

Existem no norte do Quênia tribo que praticam a ablação genital das mulheres. Ali, as mulheres são propriedade do pai que as circuncisa com a “ablação genital” e lhes arranja casamento até aos dez anos.

Mas existem cada vez mais histórias diferentes, como a de Nimo Omar, de 17 anos, que se salvou do “corte” aos seis anos, graças à intervenção do seu irmão mais velho. A mutilação genital feminina implica o corte total ou parcial dos órgãos sexuais externos da mulher sem razão médica, por motivos culturais.

Nimo Omar pediu ao irmão mais velho que a protegesse e, apesar da dificuldade, o irmão conseguiu ao mandá-la viver para casa de um amigo, na Capital, Nairobi.

Este irmão pertence a um grupo cada vez maior de homens que começaram a opor-se ao agora ilegalizado “corte genital” neste país africano.

A ilegalização aconteceu em 2010. Com pena de sete anos de cadeia e uma multa pesadíssima de seis mil euros num país cujo salário mensal não chega aos 300 euros.

A UNICEF congratulou-se com a diminuição da mutilação genital feminina e apontou o Quênia como um belo exemplo de que é possível terminar com a mutilação sexual das raparigas. É um combate que deve prosseguir para ajudar milhões de meninas e mulheres a levar uma vida mais saudável.

A outra parte bonita deste relatório está na constatação de que são cada vez mais os homens que assumem um papel activo na promoção desta alteração cultural. Além de irmãos como o herói da nossa história, os jovens do Quênia exprimem o desejo de se casarem com mulheres inteiras. É fantástica esta mudança dos rapazes num país onde ainda há comunidades em que o “corte genital” é como um dote para o casamento.

A estes jovens responderam vinte líderes muçulmanos que declaram luta contra esta tradição. A mutilação foi ensinada como uma prática defendida por Maomé, o que é rotundamente falso. A sua postura foi determinante principalmente entre a população somali refugiada no Quênia, com uma prevalência de corte genital que atinge 98 por cento das mulheres.

Também os conselhos de anciãos das aldeias pastoris do Norte do Quênia convocaram todos os pais a abandonarem este ritual praticado de forma extremamente brutal e indescritível violação feminina. O casamento das meninas começou a ser aprovado sem exigir o “dote” do “corte genital”.

Trata-se de um duplo salto qualitativo para a humanidade: além da violência do “corte”, raramente tem prazer sexual e a actividade sexual torna-se um tédio.

Se é verdade que nem todos os homens que se opõem à mutilação feminina são aliados das mulheres, o seu apoio acelera o extermínio desta tradição sanguinária.